

Blog: [cronai.wordpress.com](http://cronai.wordpress.com) E-mail: [cora@oglobo.com.br](mailto:cora@oglobo.com.br)

# CORA RÓNAI

## ALGUNS LIVROS PROMETIDOS



Às vezes a gente encontra um escritor ou uma escritora extraordinário, com datas de nascimento e morte estampadas na orelha do livro, e se pergunta como é possível que nunca tenha ouvido falar antes daquela pessoa. Lucia Berlin, por exemplo: nasceu no Alasca em 1936, morreu na Califórnia em 2004, teve uma vida rica e cheia de acontecimentos, escreveu contos excepcionais, mas eu não fazia ideia de quem era, até ler “Manual da faxineira”, que a Companhia das Letras acaba de lançar, em tradução de Sonia Moreira. Não só eu. Apesar de ter publicado alguma coisa em vida, ela permaneceu em relativa obscuridade no seu país até esta coletânea ser lançada, há dois anos. São 43 histórias, 532 páginas no total, marcadas por um agudo senso de observação, um tanto de vivência e um estilo que cutuca os sentimentos dos leitores com a precisão de um acupunturista: nojo, raiva, ternura, empatia. Pequenas esculturas, mundos completos descritos em poucas páginas com um talento raro.

(Para mães que gostam de boa literatura, mas andam sem tempo para ler longos textos.)

“Numa tarde de fim de semana em março, Dewi Ayu levantou-se do túmulo onde estava enterrada havia 21 anos. Um menino pastor, acordando de uma soneca debaixo de uma pluméria, fez xixi nas calças e gritou, e suas quatro ovelhas saíram correndo feito loucas entre pedras e estelas de madeira, como se um tigre tivesse pulado no meio delas. Tudo começou com um ruído vindo de uma velha sepultura, de lápide sem inscrição e coberta de mata até a altura dos joelhos, mas todo mundo

sabia que era o túmulo de Dewi Ayu. Ela morreria aos 52 anos, ressurgiu depois de morta durante 21 anos, e a partir de então ninguém mais soube como calcular exatamente sua idade.”

Quando um livro começa assim, a gente tem que continuar lendo. “A beleza é uma ferida”, de Eka Kurniawan, sustenta a promessa inicial ao longo das suas 447 páginas. É um romance surpreendente; tem uma pegada de realismo mágico e um tanto de literatura popular, reconstituição histórica, humor negro e irreverência. Sua personagem central é, justamente, essa Dewi Ayu que se ergue do túmulo, uma prostituta de indescritível beleza, mãe de três filhas lindas e de uma pavorosa, chamada Beleza, a quem acontece toda a sorte de misérias. Uma quantidade de outras personagens vão e vêm, e acontecimentos mágicos se misturam a fatos verídicos para contar a história recente da Indonésia, refletida na fictícia Halimunda, uma cidade irmã da nossa velha conhecida Macondo. A editora é a José Olympio, e a tradução foi feita por Clóvis Marques.

(Para mães que gostam de fantasias, mas não têm medo de histórias passadas.)

Fim da Segunda Guerra. Um jovem húngaro, recém libertado de Bergen-Belsen, é levado à Suécia para se recuperar. Lá, recebe o diagnóstico fatal: tem seis meses de vida. Sem se dar por vencido, escreve uma mesma carta para as 117 jovens húngaras que se encontram no país, na mesma situação. Algumas respondem e, com uma delas, a correspondência segue adiante. Logo estão ambos apaixonados — mas ainda precisam superar vários obstáculos até serem felizes para sempre. Por incrível que pareça, a história é real: assim se conheceram Miklos e Lili, os pais do diretor Péter Gárdos. A partir das cartas, ele reconstrói o antigo romance em “A febre do amanhecer”, traduzido do húngaro por Edith Elek (e por ele mesmo levado às telas em 2015). É fácil imaginar essa história, vivida à sombra do Holocausto, sendo transformada num épico; Gárdos, no entanto, optou por contá-la com leveza, num pequeno romance terno e bem-humorado, publicado pela Companhia das Letras.

(Para mães românticas.)

Um jatinho cai no mar 18 minutos depois de decolar. Seus ocupantes são um magnata das telecomunicações, um multimilionário a um passo de ser preso, as suas esposas, os filhos do magnata, um segurança, a tripulação e um pintor obscuro a quem uma das mulheres ofereceu carona — e que acaba sendo o único sobrevivente do desastre, junto com uma das crianças, a quem consegue salvar. Os personagens são apresentados um a um, como num daqueles romances da Agatha Christie em que todo mundo tem alguma culpa no cartório. Quem está no comando aqui, porém, é Noah Hawley, o criador e roteirista da série “ Fargo”, e o seu material é mais contundente. Saudado num primeiro momento como herói, o pintor acabará sendo perseguido pela mídia, que precisa de uma explicação e de um culpado pelo acidente. “Antes da queda”, publicado pela Intrínseca e traduzido por Carolina Selvatici, é um magnífico livro de suspense.

(Para mães que gostam de emoções fortes e de discussões sobre o mundo e a sociedade contemporâneos.)

As muitas histórias de “O duelo dos neurocirurgiões”, de Sam Kean, publicado pela Zahar e traduzido por Maria Luiza Borges, provam que a desgraça de uns é a felicidade de outros. Apesar de todos os progressos da medicina, ferimentos, reconhece o autor, continuam sendo a melhor forma de inferir certas coisas sobre o cérebro; de modo que, ao longo das suas 407 páginas, há vários casos horripilantes. Acima deles, porém, pairam as alegrias da inteligência, das descobertas e da ciência bem explicada. Difícil dizer quem são os personagens mais interessantes deste ótimo livro, se os médicos ou os pacientes. Kean trata a todos com o mesmo misto de simpatia, compreensão e humor.

(Para mães curiosas.) ●